

EU IMAGINO ELES ASSIM...
A violência estrutural na periferia de
Fortaleza-CE



I Imagine Them Like This...: structural violence in the
periphery of Fortaleza-CE

Francisca Raquel de Oliveira Temoteo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social | Fortaleza, Brasil
raketwho@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-5858-4665



Resumo

Este trabalho caminha por discursos interpretados em desenhos no diário gráfico desta pesquisadora durante as idas e os momentos de observação em campo. Assim como aponta Karina Kuschnir (2019), pesquisar antropologicamente contribui para desenhar o mundo à nossa volta. É sobre a importância dessa ferramenta, o desenho, que os discursos dos/as moradores/as da periferia e das populações que vivem em volta dela, ganham traços, cores e formas geométricas. Este é um estudo de como as favelas brasileiras, mas especificamente a Ocupação Carlos Marighella em Fortaleza no Ceará, são desenhadas no imaginário cearense sobre o "outro" (distante ou não fisicamente), por discursos que ora vitimizam e ora marginalizam seus corpos e territórios. Os desenhos e o texto discutem junto a autores da antropologia urbana, como Alba Zaluar (1985; 2004) e com o sociólogo Gabriel Feltran (2011), mas perpassam pelo Orientalismo de Edward Said (1990) e a necropolítica de Achille Mbembe (2018), para problematizar o legítimo e o ilegítimo na estrutura do racismo e da violência urbana em determinadas circunstâncias. Como também programas que pretendem "salvar" seus moradores da miséria e imagens distorcidas em mídias de favelas cada vez mais perigosas. Fazendo assim, justificam a violência contra esta população. Os desenhos estão na ordem das falas observadas. Eles são, na maioria, em preto e branco feitos com caneta Nankin Drawing nº 00,5. Para dar evidência aos discursos coletados, eles são os únicos que aparecem coloridos dentro de formas geométricas, pois assim, o sentido de "desenhar/pintar" teria mais evidência.

Palavras-chave

antropologia visual; favela; ocupação; racismo; diário gráfico.

Abstract

This paper walks through discourses interpreted in drawings in this researcher's graphic diary during field trips and moments of observation. Just as Karina Kuschnir (2019) points out, anthropological research contributes to drawing the world around us. It is on the importance of this tool, drawing, that the discourses of the residents of the periphery and the populations that live around it, gain strokes, colors, and geometric shapes. This is a study of how the Brazilian favelas, specifically the Carlos Marighella Occupation in Fortaleza, Ceará, are drawn in the Ceará imaginary about the "other" (distant or not physically), by discourses that sometimes victimize and sometimes marginalize their bodies and territories. The drawings and the text discuss with authors of urban anthropology, such as Alba Zaluar (1985; 2004) and with sociologist Gabriel Feltran (2011), but go through the Orientalism of Edward Said (1990) and the necropolitics of Achille Mbembe (2018), to problematize the legitimate and the illegitimate in the structure of racism and urban violence in certain circumstances. As well as programs that purport to "save" their residents from misery and distorted images in media of increasingly dangerous favelas. In doing so, they justify violence against this population. The drawings are in the order of the observed statements. They are mostly in black and white, made with Nankin Drawing pen #00.5. To give evidence to the speeches collected, they are the only ones that appear in color within geometric shapes, because this way, the meaning of "drawing/painting" would be more evident.

Keywords

visual anthropology; slum; occupation; racism; graphic journal.



Figura 1: Ilustração de um jovem, com partes coloridas que fazem parte do imaginário genérico do morador da periferia brasileiro. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.

A construção de imagens no cenário da violência

O seguinte trabalho é um recorte da minha pesquisa de mestrado. A análise proposta aqui caminha por discursos transformados em desenhos no diário gráfico desta pesquisadora durante as idas e os momentos de observação em campo. Assim como aponta Karina Kuschmir (2019), pesquisar antropológicamente contribui para desenhar o mundo à nossa volta. É sobre a importância dessa ferramenta, o desenho, que os discursos das populações que

vivem em volta e dos/as moradores/as da periferia ganham traços, cores e formas geométricas. Este é um estudo de como as favelas brasileiras, mais especificamente a Ocupação Carlos Marighella em Fortaleza no Ceará, são desenhadas no imaginário cearense sobre o “outro” (distante ou não fisicamente) por discursos que ora vitimizam e ora marginalizam seus corpos e territórios. Os desenhos e o texto discutem junto a autores da antropologia urbana, como Alba Zaluar (1985; 2004) e Ramon Teixeira (2020) e com o sociólogo Gabriel Feltran (2011), mas perpassam pelo redescobrimento do ato de desenhar na antropologia com Kuschnir (2014; 2016; 2019), Aina Azevedo (2016) e Andrew Cauby (2017), assim como pela necropolítica de Achille Mbembe (2018) para problematizar o legítimo e o ilegítimo na estrutura do racismo e da violência urbana em determinadas circunstâncias.

Os discursos que criminalizam a favela e seus moradores foram percebidos e anotados em meu diário de campo durante as idas à Ocupação Carlos Marighella, em 2021. Esta ocupação teve início em agosto de 2020, em meio a pandemia de COVID-19. Seus moradores são famílias pobres, majoritariamente pretas, e que moram no bairro do Mondubim em Fortaleza-CE. Os desenhos foram feitos durante os anos de 2021 - 22. Os em preto e branco feitos com caneta *Nankin Drawing* n° 00,5, representam os discursos coletados no diário gráfico, dentro de ônibus e Uber. Os discursos estão dentro de formas geométricas de fundo laranja, e é a única parte colorida.

A discussão que se segue sobre criação imaginária do ser pobre, do ser periférico é importante neste trabalho, pois costura uma linha de raciocínio que vincula a violência e o racismo estrutural aos moradores da Ocupação Carlos Marighella, que vou trabalhando durante toda a escrita, como das demais ocupações por todo o Estado brasileiro.

A experiência de desenhar no campo e as reflexões desenvolvidas a partir da literatura existente me levaram a propor a análise do quanto os discursos e produções de imagens sobre a favela podem dar vazão a uma estrutura de violência brutal com seus/as moradores/as. As imagens contam histórias, épocas e acontecimentos, sejam elas familiares ou não. Estão presentes em livros educativos e até em álbuns de família. No seu *Instagram* e no aparelho de TV da sua avó. As imagens compõem memórias, podem direcionar o que seria certo ou errado. Constroem propagandas eleitorais, partidos em disputas e a figura do inimigo comum. Quem é o “cidadão de bem” e quem é o “bandido”? Em tempos em que a corrida da guerra contra as drogas mais mata

jovens negros de favelas brasileiras, discursos que aplaudem essas ações de extermínio da população negra ganham força no governo do retrocesso.

Segundo Feltran (2011), a distinção entre essas duas categorias no debate sobre desarmamento e violência policial se torna exemplar para a caracterização dos efeitos da expansão do marco discursivo do crime nos debates públicos. A mídia, principalmente a sensacionalista, dá subsídios para a “vingança” contra os “bandidos” ser consumida. Essa ação tem por efeito a criminalização e a homogeneização das periferias e de seus moradores na cena pública. Fica assim entendido que, por exemplo, a guerra contra as drogas é mais um pretexto para matar na favela.

Nesse sentido, a repressão policial se voltou para todos aqueles que se parecem com “bandidos”. Morre, nesse contexto, não necessariamente quem cometeu algum crime, mas quem tem a mesma idade e cor de pele, que usa as mesmas roupas ou os mesmos acessórios daqueles identificados, publicamente, como criminosos. Como no exemplo do primeiro desenho deste trabalho, o jovem preto da periferia com cordões de ouro, tatuagens, sem camisa, cabelo tingido. Feltran (2011) diz que nessas fronteiras de tensão, não apenas os jovens “do crime”, mas de forma geral, os jovens das periferias sofrem por parte das instituições públicas um estranhamento de seus rostos e corpos, de seus modos de comportamento, bem como de seus discursos.

As figuras recorrentes e que ganham a mídia como “os vilões” normalmente são moradores da periferia, pois segundo discursos conservadores, o problema da pobreza no Brasil seria, exatamente, os pobres, que “acumulariam” benefícios do Governo, como o bolsa família, e não trabalhariam para sair da situação em que estão. Há aí uma construção da imagem do que seria preguiçoso, pobre e matável. Zaluar (2004) fala sobre a figura do malandro e como ela é retratada sempre na boemia, sem ocupação, parasitando nas ruas. É justamente por volta da década de 1960 que o filme *Cidades de Deus* (2002) fluxos migratórios para morros cada vez mais distantes dos cartões postais da cidade maravilhosa - Rio de Janeiro. E a maioria da população que é empurrada para o alto dos morros é a pobre. A pobreza, figurativamente, fica cada vez mais longe dos prédios comerciais guardados por seguranças que tem a mesma cor.

Este inchaço populacional nos anos 60 provocou diversas transformações nos cenários brasileiros. Segundo o filme *Cidade*

de Deus (2002), a pobreza e a extrema pobreza moldam sujeitos, aprisionam corpos negros à margem. Os marginaliza. Forja-se, assim, discursos que vitimizam a situação em que vivem. O salvamento desses corpos, principalmente os infantis, ganha força na criação de instituições/centros de apoio à família e à criança, que pretendem tira-las do mundo do crime, dando-lhe uma nova chance em se integrar na sociedade. Ser, então, um “cidadão do bem”. Mas como Feltran (2011) já apontou, seus corpos ainda serão lidos como de “bandido”.

Racismo Estrutural no Brasil e no Mundo: analisando casos

Estamos falando sobre racismo estrutural. Nos transportando para uma época mais recente, a notícia da morte do congolês Moïse Kabagambe, ocorrida no dia 24 de janeiro de 2022, diz muito sobre essa estrutura de corpos matáveis. Moïse era um jovem negro de 24 anos, nascido no Congo, estava na condição de refugiado no Brasil, trabalhava como ajudante de cozinha no Quiosque Tropicália e recebia por diária em condições precárias. Foi cobrar cerca de 200 reais, referente a dois dias de trabalho. Ao invés de pagar o que era devido, os responsáveis pelo quiosque o espancaram, torturam, o amarram e o deixaram para morrer num local cercado por câmeras, e com fluxo de pessoas, sem que qualquer um intercedesse ou chamasse a polícia.

Este assassinato brutal, a inoperância dos órgãos de investigação em apontar os culpados e a indiferença daqueles e daquelas que testemunharam o ocorrido, são a reprodução do racismo e da exploração capitalista que condena à morte milhões e milhões de homens e mulheres pretos/as trabalhadores/as. Por que ninguém interferiu enquanto um homem negro apanhava até morte? Ou no caso do norte-americano George Perry Floyd Jr, que foi asfixiado até a morte por um policial branco, que ajoelhou em seu pescoço? Crimes como estes e vários outros são varridos, diariamente, para baixo do tapete da branquitude. A figura da pessoa preta, periférica ou não, como apontado anteriormente, pode ser associada à de “bandido”. “Se ele estava apanhando é porque fez algo de errado”. Podemos nos questionar o porquê a morte de Kabagambe ganhou mídia, é por que se trata de um imigrante negro? Foi por causa das ações do Movimento Negro? A mídia internacional teve influência? Sim, todos esses e outros pontos podem ter influenciado. Todavia, por que as mortes na

orla do Rio de Janeiro, na mesma época¹, não ganharam a grande mídia?

Para Silvio Almeida (2018) o que espanta, e é considerado um ponto essencial de suas análises de como o racismo é estrutural e estruturante das relações sociais e das formações do sujeito, é que não há mesmo entre as pessoas que não aceitam esse tipo de violência, podemos usar o exemplo acima, qualquer tipo de ação efetiva para se voltar contra isso². Ou seja, nós [sociedade no geral] de alguma maneira naturalizamos a violência contra pessoas negras, a sociedade naturaliza a morte de jovens negros sistematicamente nas periferias, elas não causam o choque como deveria causar.

O fato de encarceramento em massa de pessoas negras, jovens negros, isso não causa espanto. Porém o fato de pessoas negras frequentarem certos ambientes e isso causar espanto também demonstra o quanto naturalizamos a ausência de pessoas negras em certos locais. Há espaços onde só existem pessoas brancas, em geral espaços de poder e de decisão, onde no país mais de 52% da população brasileira se declara negra. Em reunião ocorrida na cidade Fortaleza no mês de novembro de 2022, a Anistia Internacional Brasil constatou, através dos da Rede de Observatórios de Segurança³ que a chance de uma pessoa negra ser morta pela polícia cearense é 7x do que uma pessoa branca. O racismo é um dado estrutural, que constitui nossas relações. Almeida conclui dizendo que se juntarmos racismo com política e com a economia, conseguimos perceber claramente o quanto ele é o elemento fundamental de todas as formas de explorações econômicas.

Os discursos que criminalizam a favela e seus moradores foram percebidos e anotados em meu diário de campo durante as idas à Ocupação Carlos Marighella, em 2021. Esta ocupação teve início em agosto de 2020, em meio a pandemia de covid-19. Seus moradores são famílias pobres, majoritariamente pretas, que

¹ Ver <https://www.band.uol.com.br/rio-de-janeiro/noticias/morte-de-congoles-e-a-terceira-na-orla-da-barrada-tijuca-em-um-mes-16477342>

² Fazendo referência direta a morte de Moïse, que após alguns dias de sua morte, foram resgatadas imagens de câmeras de segurança do local que filmaram em meio a tortura, pessoas passando e comprando no quiosque normalmente. Como se não estivesse acontecendo nada de anormal no local.

³ Site da reportagem: <http://observatorioseguranca.com.br/pele-alvo-pessoas-negras-policia/>. Acesso em: 20 de dez. 2022

moram em Fortaleza-CE. Devido às más administrações do Governo nessa época, estas famílias, como muitas em todo o Brasil, perderam seus empregos e foram despejadas de suas casas. Não tendo outra opção de moradia, cerca de 85 delas ocuparam um terreno sem função social há mais de 30 anos no bairro do Mondumbim. O terreno só acumulava lixo e a mata crescia antes da ocupação. Houve conflitos com a Polícia Militar e com quem dizia ser o proprietário do terreno. Muitos dos barracos foram derrubados/destruídos nessas ações. Depois de muitos episódios como este, ocorreram várias assembleias e promessas do prefeito Sarto Nogueira e a ocupação teve um pouco mais de tranquilidade.

Desenhando os discursos que pintam a periferia: em campo, no ônibus, no *Uber*

Essas conversas e depoimentos eram anotados em cadernos de campo, que por muitas vezes contavam com desenhos de situações e sentimentos que fui tendo a caminho do campo, nele e após. Já desenho há muitos anos, mas nunca havia juntado a antropologia e o desenho no mesmo barco, ou melhor dizendo, no mesmo ônibus, moto Uber, diário, olhar. Assim, como nos diz Teixeira (2020) ao ver o ato de desenhar nas suas pesquisas antropológicas,

O uso da fotografia como estratégia de pesquisa aprendi na graduação em Ciências Sociais, durante as lições e práticas da disciplina de antropologia visual; mas, o uso do desenho é uma história antiga. Como dizem, desenhar para mim “vêm de berço”. Desde muito novo sempre fui incentivado - em casa e na escola - a desenhar. Mas, estaria mentindo se dissesse que a minha primeira inserção de campo se deu por meio do uso do desenho, e muito menos, pelo uso da fotografia. (Teixeira 2020:5)

E através deste modo de ver as coisas pela antropologia visual, vou lhe guiando nas minhas percepções, achismos, vivências, choro, sentimento. Segundo Kuschmir (2016:7) “[...] Foi por gostar de desenhos e da experiência de desenhar que antropólogos e antropólogas trouxeram essa prática para dentro de suas reflexões profissionais, e não o contrário.”

Durante as minhas idas à ocupação, dentro do ônibus e do Uber, pude notar falas direcionadas àquela população, como “só tem bandido e drogado”. O desenho 2, logo abaixo, faz referência ao comentário de um senhor de aproximadamente 57 anos de idade, pele branca, de dentro do ônibus: “esse povo poderia procurar um emprego, mas preferem ficar pedindo na rua e fazendo filhos”. Os desenhos 3 e 4 se embasam em falas do motorista do Uber, aproximadamente 25 anos de idade, pele branca: “os muleque véi anda tudo com droga... já nasce sabendo atirar que nem nos filmes”. Estas e demais falas destoavam do que eu encontrava na ocupação. De acordo com Zaluar (1985:10), “[...] De certos ângulos, parecia mesmo um calmo bairro de subúrbio, de intensa vida social entre vizinhos, ... donas de casa conversando no portão, ... mas a tensão era visível [...]”. Tensão está entre os moradores, a polícia e o prédio comercial em frente.



Figura 2: uma senhora que segura uma placa pedindo ajuda para alimentar a ela e ao seu filho. A parte colorida evidencia qual cor de pele sua seria e os vários filhos que ela teria no imaginário do passageiro. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.



Figura 3: criança brincando de empinar pipa, mas no imaginário do motorista, a parte colorida, ela está traficando drogas. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.



Figura 4: retrata duas crianças sentadas brincando e resolvendo suas tarefas da escola. Porém, no imaginário do motorista, a parte colorida, estas crianças estariam armadas e planejando algo. Feito com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.

As falas direcionadas aos moradores vem de um lugar de superioridade, meritocracia. Pode-se analisar que esses discursos saíram de pessoas que se veem no lugar de superior a aquela classe de pessoas. É o que nos diz Edward Said (1990) com a teoria do Orientalismo, que oferece uma referência útil para compreender este imaginário sobre o periférico. É uma imagem que reduz o indivíduo, considerado inferior culturalmente ou economicamente, a algo exótico e romantizado. Enquanto, por outro lado, ridiculariza seus corpos e suas habilidades, descrevendo-os como irracionais, violentos, e, assim, subdesenvolvidos.

Descrever o “outro” como violento pelo simples fato de morar na periferia ou pela cor de sua pele justificaria a violência brutal policial nas favelas brasileiras. Primeiro bater e depois perguntar. Como Mbembe (2018) defende, a escravidão transatlântica foi uma expressão necropolítica fundamentada pelo pensamento hegemônico eurocêntrico que negou por muitos anos aos negros o *status* de seres humanos. Os discursos que pude anotar em meu diário de campo também apontavam isso. O

desenho 5 representa a fala de uma jovem não-branca de 19 anos, de dentro do ônibus: “a polícia é herói, deve entrar atirando, é tudo marginal lá”, “a polícia só bate em quem tem culpa”. O desenho 6 retrata a fala dos passageiros nos ônibus, que passam por ocupações e favelas, sobre as crianças: “elas já nascem nas drogas”, “é os pretin pedindo comida pra trocar por droga. Dá pena”, “são tão sujos os bichim”. O desenho 7 vem da frase de uma senhora branca de, aproximadamente, 63 anos de idade: “tenho dó, pena não, porque se eles acreditassem em Deus, já tinham saído dessa situação”.

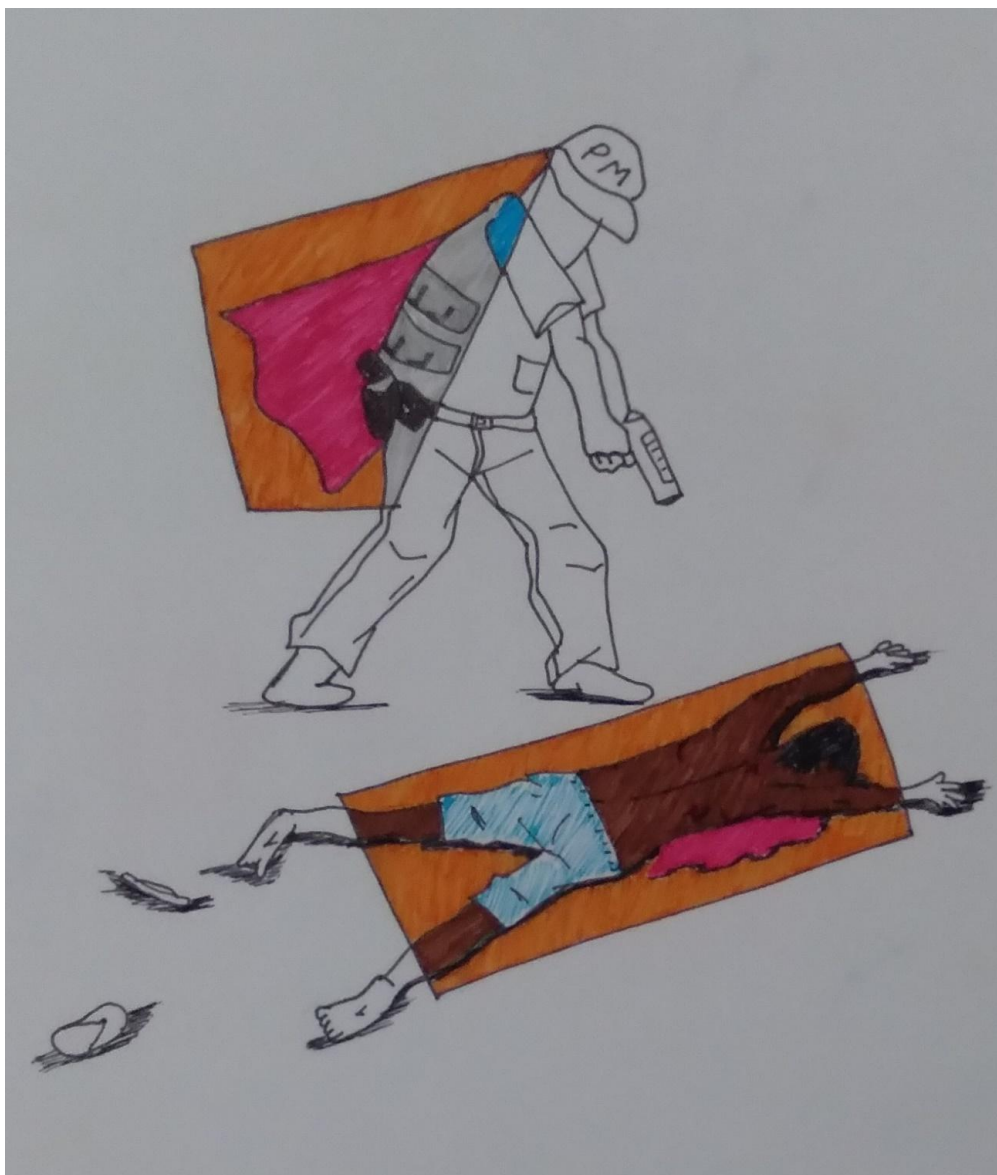


Figura 5: o colorido é a construção imaginária da polícia como herói e autorizada a matar quem é “bandido”, ou que se parece com um. Corpos mateáveis. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.



Figura 6: criança mostrando um desenho no caderno. Mas no imaginário dos passageiros, na parte colorida, sua cor de pele é destacada e o prato vazio, como se estivesse pedindo por comida/ajuda. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.



Figura 7: família que mora na favela tendo a casa alvejada por tiros durante uma ação policial. mas no imaginário religioso da passageira, essas famílias não tem fé, por isso sofrem tanto. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.

Segundo o presidente do Data Popular, a associação da favela com droga e violência é uma visão estereotipada que, muitas vezes, se alimenta de um conjunto de noticiários negativos vinculados às comunidades. Segundo ele, o retrato que os moradores do asfalto, nos centros urbanos, têm dos moradores de favelas demonstra um aspecto cultural, que fora transmitido durante anos, como no desenho 8, nas TVs, rádios e jornais, reforçando a imagem de que eles viveriam a vida mais alegre. São mostrados de maneira exótica em propagandas como pessoas felizes em casas coloridas. Dona Jovita (nome fictício), moradora da OCM (Ocupação Carlos Marighella), diz que essas falas têm muito preconceito, que as pessoas não querem conhecer a favela, querem ficar longe. O desenho 9 vem da fala de muitos moradores: “ninguém quer morar aqui. Aposto contigo que ninguém nunca entrou aqui, o povo acha que nós somos uma bagunça, mas nós só queremos paz.”



Figura 8: a favela desenhada pelas propagandas midiáticas para, possivelmente, encobrir o horror das ações policiais desastrosas. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.

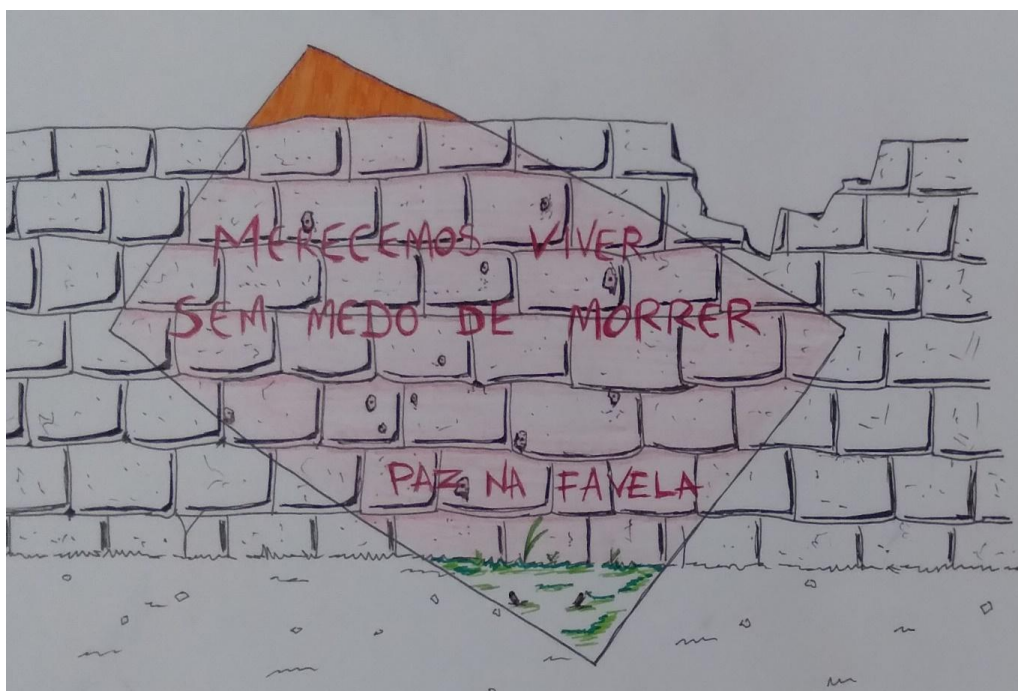


Figura 9: Muros com marcas de tiros onde se quer paz. Feita com caneta Nanking 00,5, os discursos dentro de formas geométricas com fundo laranja.

Com o desenho pude observar essa estrutura de violência contra a periferia, afinal, o ato de desenhar dos antropólogos possibilita a criação de novos pontos de vista. Segundo Aina Azevedo (2016) desenhar, para o/a pesquisador/a que já desenha, é um desafio, porque se trata de maneiras diferentes de atuar e de ler os dados, o que pode gerar resistências de sua utilização pelo pesquisador/a, pois entra em conflito o “saber desenhar” e o sentido dos desenhos. Complementa Kuschnir (2014) que o ato de desenhar para o/a pesquisador/a é renovador, pois possibilita a criação de novos pontos de vistas. Principalmente quando a pesquisa é no meio urbano e muitos ambientes já são tão familiares, o que pode dificultar o estranhamento, mas ao desenhar o/a pesquisador/a pode aguçar não só a visão como a audição.

Considerações finais

O trabalho etnográfico composto de texto e desenhos produzidos durante esse processo, acentua o quanto as habilidades adquiridas pela pesquisadora geraram desenvolvimentos positivos para observar o/a que é falado sobre a periferia brasileira. Como elucidado acima, o ato de desenhar

para a/o pesquisador/a é renovador. Há a possibilidade de observar novos pontos que antes não tiveram tanta atenção ou profundidade discursiva. Pude ter noção disso durante as observações feitas no caminhar até o campo, e na volta dele, que o desenhar aguçou-me não só a visão como a audição. Neste sentido, este trabalho conta com a interpretação do que ouvi nos ônibus, a caminho de casa, nas ruas, nos *Uber*, no parque, assim, tomo o desenho como uma ferramenta essencial para documentar e analisar informações do campo.

Sobre o método do desenho utilizado nesta pesquisa, me revela o que o antropólogo Andrew Causy em sua obra *Drawn to See: Drawing as an Ethnographic Method* (2017) diz sobre a etnografia e o ato de desenhar. A primeira não é entendida apenas como produção de conhecimento, mas de relações, sensações, visualidades, contatos, respeito e comunicação. É que o desenho também faz o mesmo, sendo que vinculado à etnografia, ele ganha um papel secundário ao objetivo de nos ajudar a ver o mundo (visível e invisível) de modo mais aprofundado, além do que encontramos na superfície do que é visto.

E foi o que demostrei até o momento neste trabalho. Ouvir e desenhar esses discursos que ora vitimizam e ora culpabilizam os moradores de favelas me possibilitou enxergar o quão estrutural é o racismo presente no povo brasileiro e o medo para aquele que é o “outro” construído pela mídia. Como diz Zaluar (1985:10),

Não o medo que qualquer ser humano sente diante do desconhecido, mas um medo construído pela leitura diária dos jornais que apresentavam os habitantes daquele local como definitivamente perdidos para o convívio social, como perigosos, assassinos em potencial, traficantes de tóxicos, etc.

O quanto estes discursos de ódio e imagens criadas pela mídia, que são direcionados a quem se parece com “bandido” dá aval ao extermínio da população preta, pobre, moradora ou não da favela. Entende-se que o Estado não era para matar ninguém, era para cuidar de sua população, e Mbembe (2018) nos diz em sua obra sobre a necropolítica, na qual o que reina é o Estado de terror, do terrorismo. A política da morte é adaptada pelo Estado. Ela é a regra.

Não quis em nenhum momento dessa discussão afirmar que na periferia não há crime ou que não há paz. Há a existência dos dois. Reforço que, nesta discussão, o fugir da realidade parece mais fácil e atrativo do que se envolver, questionar o porquê mais

juvens negros são mortos no país ou o motivo de parecer normal ser ensinado nas escolas presentes nas periferias que é preciso se abaixar quando tiver tiroteio ou que ter a mochila revistada pela PM é comum.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro. Editora: Jandaíra, São Paulo, 2019.
- AZEVEDO, Aina. 2016. “Desenho e Antropologia: recuperação histórica e momento atual”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 5(2): 15-32.
- CAUSY, Andrew. 2017. *Drawn to See: Drawing as an Ethnographic Method*. Toronto: University of Toronto Press.
- CIDADE DE DEUS. 2002. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Globo filmes. Local: distribuidora Lumière Brasil.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. 2011. *Fronteiras de tensão: Política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Unesp: CEM: Ceprap.
- KUSCHNIR, Karina. 2014. “Ensinando Antropólogos A Desenhar: uma experiência didática e de pesquisa”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 3(2):23- 46.
- KUSCHNIR, Karina. 2016. A Antropologia Pelo Desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*. 5(2):5-15.
- KUSCHNIR, Karina. 2019. *DESENHO ETNOGRÁFICO: Onze benefícios de usar um diário gráfico no trabalho de campo*. Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP, 7(1). <https://doi.org/10.34024/pensata.2018.v7.10120>
- MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições.
- SAID, Edward. 1990. *Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TEIXEIRA, R. S. 2020. Para além das palavras: fotografar e desenhar como possibilidade para o fazer antropológico. In: 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2020, Rio de

Janeiro. Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, p. 1-13

TEIXEIRA, Ramon da Silva. 2020. “Para além das palavras: fotografar e desenhar como possibilidade para o fazer antropológico”. Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia.

ZALUAR, Alba. 19852000. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense.

ZALUAR, Alba. 2014. *Integração perversa: pobre e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Enviado: 12/11/2021

Aceito: 10/01/2023